

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO, Maio/2008 – Vol. III

AUXILIARIDADE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO*

Fernanda Elena de Barros REIS

(Orientadora): Profa. Dra. Sonia Maria Lazzarini Cyrino

RESUMO: Gonçalves e Costa (2002) propõem nove propriedades para identificar um verbo auxiliar do português europeu (PE), concluindo que somente *ter* e *haver* seguidos de Particípio Passado podem ser considerados auxiliares, e os verbos semi-auxiliares podem ser organizados numa escala de auxiliaridade que seria: 1. *ser* passivo; 2. verbos temporais (*ir*, *vir*, *haver* (*de*)); 3. verbos modais *poder* e *dever* e aspectuais seguidos de *a*; 4. verbo modal *ter* (*de*) e verbos aspectuais seguidos de *de* (e também de *para* e *por*). Porém, o português brasileiro (PB) e o PE apresentam certas diferenças que interferem na classificação de um auxiliar de acordo com as propriedades e a escala de auxiliaridade propostas pelas autoras, indicando a necessidade de uma classificação diferente para o PB.

Palavras-chave: Sintaxe – Português Brasileiro – Auxiliaridade – Português Europeu

Introdução

Segundo Gonçalves e Costa (2002), a “tradição gramatical luso-brasileira é consensual quanto à existência de uma classe de verbos auxiliares”¹, mas as diversas gramáticas apresentam diferenças na classificação dos verbos que seriam auxiliares. Tais diferenças ocorrem pela escassez e divergência de critérios de auxiliaridade, bem como pelo fato dos critérios, quando apresentados, “apelarem apenas para os tipos de situações que os verbos em questão designam”². Assim, há a necessidade de se “encontrar o conjunto de propriedades que caracterizassem os auxiliares do Português”³.

Tal estudo foi feito pelas autoras com o português europeu (doravante, PE), que colocam a hipótese de que, “nos contextos em que ocorrem verbos auxiliares, (i) existe apenas um domínio frásico e (ii) existe apenas um domínio predicativo”⁴. O contraste de gramaticalidade apresentado pelas frases a seguir confirmam (i) e (ii), respectivamente:

* Este trabalho é resultado do projeto de pesquisa de iniciação científica intitulado “Verbos auxiliares no português brasileiro”, processo CNPq n. 110771/2007-9.

¹ Costa, T & Gonçalves, A. (2002) *(Auxiliar a) Compreender os verbos auxiliares*. Lisboa. Edições Colibri, p. 11

² Idem, p. 12

³ Idem, p. 15

⁴ Idem, p. 17

- (1) a. O João deseja [não] encontrar a Maria no cinema.
b. *O João tem [não] encontrado a Maria no cinema.
- (2) a. *[As chuvas intensas] desejam destruir várias plantações no Norte do país.
b. [As chuvas intensas] *têm* destruído várias plantações no Norte do país.

As autoras apresentam, então, quais seriam as propriedades dos verbos auxiliares no PE, atentando para o fato de que um verbo, para ser auxiliar, deve apresentar todas as nove propriedades apresentadas, que são⁵: Impossibilidade de co-ocorrência com orações completivas finitas; Impossibilidade de substituição do domínio encaixado por uma forma pronominal demonstrativa; Impossibilidade de co-ocorrência de duas posições de Sujeito; Passivas encaixadas sem alteração do significado básico da ativa correspondente; Impossibilidade de ocorrência do operador de negação frásica no domínio não finito; Ocorrência dos complementos pronominalizados (cliticizados) em adjacência ao verbo auxiliar; Não seleção do Sujeito; Co-ocorrência com qualquer classe aspectual de predicados verbais; Impossibilidade de ocorrência de modificadores temporais que afetem apenas a interpretação do domínio não finito.

Assim, analisando em relação a cada propriedade os verbos apresentados pelas gramáticas da tradição luso-brasileira por elas levantadas, as autoras concluem que somente os verbos *ter* e *haver*, seguidos de Particípio Passado, podem ser considerados auxiliares do PE. Por outro lado, alguns dos verbos analisados apresentavam certas propriedades dos auxiliares (como co-ocorrer com complementos frásicos finitos, selecionar um complemento de categorial verbal e não selecionar a expressão que desempenha a função sintática de Sujeito), o que levou as autoras a classificá-los como semi-auxiliares, e a organizá-los em uma escala de auxiliaridade, que é a seguinte:

1. *Ser* passivo: difere dos auxiliares por permitir a substituição de um complemento por um clítico demonstrativo, como pode ser observado em:

(3) a. A Marta ainda não foi *cumprimentada pelo Presidente* mas *sê-lo-á* em breve.

(*o* = *cumprimentada pelo Presidente*)

b. A Marta tinha *cumprimentada pelo Presidente* mas o Miguel não *o* tinha.

(*o* = *cumprimentado o Presidente*)

⁵ Deve-se ressaltar que os exemplos apresentados para cada propriedade são de frases do PE.

2. Verbos temporais (*ir, vir, haver (de)*): diferem dos auxiliares por permitirem a manutenção dos complementos cliticizados do verbo no Infinitivo em adjacência a este verbo, como pode ser observado em:

- (4) a. O Zé não vai comprar uma bola nova para o filho.
- b. O Zé não **lhe** vai comprar uma bola nova.
- c. O Zé não vai *comprar-lhe* uma bola nova.

3. Verbos modais *poder* e *dever* e aspectuais seguidos de *a*: diferem dos auxiliares por permitirem a ocorrência (i) do operador de negação no complemento infinitivo e (ii) dos complementos cliticizados do verbo no Infinitivo em adjacência a este verbo; alguns destes verbos impõem restrições quanto à classe aspectual a que pertence o predicado verbal do complemento; se substituirmos o verbo *ir* das sentenças de (4) por *poder* ou pelo *estar* seguido de *a*, temos exemplo de 3.(ii), enquanto as sentenças de (6) exemplificam 3.(i):

- (5) a. O Zé não {pode / está a} comprar uma bola nova para o filho.
- b. O Zé não **lhe** {pode / está a} comprar uma bola nova.
- c. O Zé não {pode / está a} *comprar-lhe* uma bola nova.
- (6) a. O João não pode falar desse assunto com a Marta.
- b. O João pode *não* falar desse assunto com a Marta.
- c. O João não pode *não* falar desse assunto com a Marta.

4. Verbo modal *ter (de)* e verbos aspectuais seguidos de *de* (e também *para* e *por*): diferem dos auxiliares por (i) não permitirem a extração de complementos cliticizados do domínio infinitivo para o domínio matriz e (ii) limitarem a classe aspectual dos predicados verbais com que se combinam, como em:

- (7)
*Quando se deu a guerra, o João deixou de *nascer*.
(culminações)

Além disso, as autoras oferecem uma explicação para dar conta de verbos principais que em certos contextos apresentam comportamento idêntico ao dos auxiliares, como *querer, mandar, ver* etc.: segundo elas, “o complemento frásico infinitivo é temporalmente dependente da frase matriz, pelo que, nas estruturas em que ocorrem, existe uma única cadeia temporal. Assim, a barreira frásica que existe entre os dois verbos é, de certa forma, enfraquecida, o que dá lugar à formação de uma unidade complexa (um predicado complexo), constituída pelos referidos verbos”⁶.

A verificação das propriedades em relação ao conjunto de verbos levantados das gramáticas foi feita em relação ao PE. Por haver divergências

⁶ Costa, T & Gonçalves, A. (2002) (*Auxiliar a*) *Compreender os verbos auxiliares*. Lisboa. Edições Colibri., p. 98

entre o PE e o português brasileiro (doravante, PB), como diversos estudos apontam⁷, é importante que seja verificado quais seriam os resultados se as propriedades propostas e testes realizados fossem verificados nos verbos em relação à gramática do PB.

2. Aplicação dos testes no PB

Dos testes propostos pelas autoras, quatro deles puderam ser aplicados ao PB sem mudanças e apresentaram resultados semelhantes aos resultados do PE: impossibilidade de co-ocorrência com orações completivas finitas; passivas encaixadas sem alteração do significado básico da ativa correspondente; não seleção de Sujeito; impossibilidade de ocorrência de modificadores temporais que afetem apenas a interpretação do domínio não finito. O teste da propriedade “co-ocorrência com qualquer classe aspectual de predicados verbais” apresentou algumas diferenças nos resultados para o PB em relação ao PE. As quatro propriedades restantes apresentaram problemas ao serem testadas para o PB, e serão explicadas de 2.1. a 2.4.

2.1. Impossibilidade de substituição do domínio encaixado por uma forma pronominal demonstrativa.

O fato do domínio que inclui a forma verbal finita não ser de natureza frásica sugere, segundo as autoras⁸, que “o referido domínio tem uma natureza eminentemente verbal, sendo, por isso, impossível substituí-lo por uma expressão nominal” (p. 22), como o clítico neutro *o* do PE, que é de categoria nominal (apesar de poder ter como antecedente expressões de diferentes categorias sintáticas). Assim, um verbo cujo complemento não pode ser retomado pelo clítico *o* apresentaria esta propriedade, como:

- (8) *O João tem [resolvido todos os exercícios propostos pelo professor],
mas Ana não *o* tem. (PE)

Não são todos os verbos que apresentam a propriedade, como nos revelam as seguintes frases, que são gramaticais em PE:

- (9)a. A Ana quer [passar férias em Timor], mas Pedro não *o* quer. (PE)

⁷ Um dos textos que aponta para as diferenças entre PB e PE é: Castilho, A. T. (1992) O Português do Brasil. In Ilari, R. *Linguística Românica*. São Paulo. Ática, p. 237-269.

⁸ As autoras seguem a linha de Gómez Torrego (1999) para tal afirmação.

- b. A Ana conseguiu [resolver todos os problemas do teste], mas Marco não *o* conseguiu. (PE)

Esta propriedade não pode ser conferida da mesma forma em PB, uma vez que, conforme demonstrado em Cyrino (1997), o clítico *o* desapareceu nessa língua. Por outro lado, há o pronome demonstrativo *isso*, que poderia ser usado no lugar do clítico *o* nos exemplos de (9), formando as frases de (10):

- (10) a. A Ana quer passar as férias na praia, mas Pedro não quer *isso*. (PB)
b. A Ana conseguiu [resolver todos os problemas do teste], mas Marco não conseguiu *isso*. (PB)

Substituindo o uso do pronome demonstrativo *isso* pelo clítico *o*, os resultados para o PB são semelhantes ao PE:

- (11) a. *Meu vizinho vai [viajar nas férias], mas eu não vou *isso*. (PB)
b. *Meu vizinho vai [viajar nas férias], mas eu não *o* vou. (PE)
- (12) a. *O Miguel pode [comprar tudo o que lhe apetece], mas a Ana não pode *isso*. (PB)
b. * O Miguel pode [comprar tudo o que lhe apetece], mas a Ana não *o* pode. (PE)

Para verbos como o *ser* da passiva, por outro lado, os resultados são diferentes:

- (13) a. A Maria foi elogiada pelo professor e Marta também *o* foi. (PE)
b. * A Maria foi elogiada pelo professor e Marta também foi *isso*. (PB)

Assim, temos alguns resultados diferentes para o PB se considerarmos a impossibilidade de substituição do domínio encaixado pelos pronome *isso* como uma alternativa do PB para esta propriedade do PE. De qualquer forma, é preciso verificar se essa alternativa é realmente válida para se detectar um verbo auxiliar no PB, e para isso é necessário um estudo mais aprofundado.

2.2. Impossibilidade de co-ocorrência de duas posições de Sujeito.

Se o verbo auxiliar e o verbo principal devem pertencer ao mesmo domínio frásico, então, segundo Gonçalves e Costa (2002), “espera-se que, em frases

com seqüências verbais em auxiliação, não possam existir duas posições de Sujeito” (p. 24). O verbo *ter* apresenta tal propriedade:

- (14) a. *O João* tinha comprado o jornal. (PE)
- b. **O João* tinha *a Maria* comprado o jornal. (PE)

As autoras chamam a atenção para verbos como *querer*, que apresentam um comportamento semelhante ao de *ter*:

- (15) a. Os jornalistas querem [entrevistar o Ministro] (PE)
- b. *Os jornalistas querem [*o Miguel* entrevistar o Ministro]. (PE)

Apesar disso, possuem duas posições de sujeito obrigatoriamente correferentes, uma que é lexicalmente preenchida, associada ao verbo flexionado, e uma que é nula, associada ao verbo não-flexionado; a forma nula pode ser preenchida por um pronome anafórico:

- (16) Os jornalistas querem entrevistar *eles* o Ministro. (PE)

Assim, temos uma frase agramatical em PE quando usamos um pronome anafórico numa construção com um verbo que apresente essa terceira propriedade, como é o caso de *ter*:

- (17) *O João tinha comprado *ele* o jornal. (PE)

Por outro lado, em PB, a frase (17) seria tão aceita quanto a frase (16). Além disso, em PB, para frases como (18), podemos ter as respectivas interpretações em (19):

- (18) a. O Pedro quer fazer ele o trabalho. (PB)
- b. O Pedro tem feito ele o trabalho. (PB)
- (19) a. O Pedro quer fazer o trabalho sozinho/[ele mesmo] . (PB)
- b. O Pedro tem feito o trabalho sozinho/[ele mesmo]. (PB)

O que mostra que o pronome *ele* de (18)a. e (18)b. podem não ser pronomes anafóricos como é o pronome *ele* da frase em PE (17). Assim, este teste parece não ser produtivo em PB, uma vez que o *ele* nas frases em PE e PB diferem, apesar de aparecerem na mesma posição. Seria preciso verificar se o *ele* do PB usado na posição em que aparece nos exemplos é indicativo da existência duas posições de sujeito. Se for o caso, todos dos verbos testados

para o PB permitem a co-ocorrência de duas posições de sujeito, já que nenhum dos verbos testados em frases como (16) e (17) apresentavam resultados agramaticais (que seria o indicativo de possuir tal propriedade).

2.3. Impossibilidade de ocorrência do operador de negação frásica no domínio não finito.

Em PE, quando o operador de negação afeta a interpretação atribuída a toda a frase (ou seja, é um operador de negação frásica), segundo as autoras, existem as seguintes generalizações: “(i) o operador de negação frásica ocorre à esquerda do núcleo verbal sobre o qual tem escopo (...); (ii) em frases simples ocorre apenas um operador de negação frásica, mas em frases complexas podem ocorrer tantos operadores deste tipo quanto os domínios frásicos (...)” (p. 30)

Assim, verbos que apresentam comportamento semelhante ao *ter* no exemplo abaixo possuem essa quinta propriedade:

- (20) a. A Maria *não* tem vista a Ana. (PE)
- b. *A Maria tem *não* visto a Ana. (PE)
- c. *A Maria não tem *não* visto a Ana. (PE)

Não apresentam essa propriedade verbos como *conseguir*, em (21):

- (21) a. A Ana *não* conseguiu apresentar a sua proposta aos colegas. (PE)
- b. A Ana conseguiu *não* apresentar a sua proposta aos colegas. (PE)
- c. A Ana não conseguiu *não* apresentar a sua proposta aos colegas. (PE)

Já em PB, é possível encontrar frases como:

- (22) a. Condenada recentemente por ter agredido duas manicures em 2004, Foxy Brown parece *ter não* aprendido sua lição. (PB)⁹
- b. (...) mas *vamos não* generalizar uma população inteira! (PB)¹⁰

Ou seja, encontramos, em PB, o uso de operador de negação frásica no domínio não finito em frases com verbos que não permitem tal uso em PE. Apesar de no caso de verbos como *ter* (seguido de particípio) casos de negação

⁹ Frase retirada do seguinte site de internet:

<http://territorio.terra.com.br/canaais/canalpop/noticias/ultimas.asp?noticiaID=11967>

¹⁰ Frase retirada do seguinte fórum de internet:

<http://www.dicasdaweab.com/phpBB2/viewtopic.php?t=1385&start=120&sid=99bb8db58c3c42a0aabce3c6d4950b86>

entre o verbo flexionado e o verbo não flexionado não ocorrerem com tanta frequência, eles aparecem, o que é uma indicação de que essa quinta propriedade também precisaria ser revisada para o PB.

2.3. Ocorrência dos complementos pronominalizados (cliticizados) em adjacência ao verbo auxiliar

Segundo as autoras, “os clíticos sempre têm um hospedeiro verbal (.); esse hospedeiro é o verbo de que dependem sintacticamente. (...) Em contextos de Infinitivo não flexionado registram-se duas possibilidades: o clítico pode ter como hospedeiro (i) exclusivamente o verbos no Infinitivo ou (ii) qualquer um dos verbos” (p. 33), como podemos observar, respectivamente, nos exemplos a seguir:

(23) a. Os meninos decidiram *apresentar-lhe* os resultados de suas experiências. (PE)

b. *Os meninos *decidiram-lhe* apresentar os resultados das suas experiências. (PE)

(24)a. Os meninos querem *apresentar-lhe* os resultados das suas experiências. (PE)

b. Os meninos *querem-lhe* apresentar os resultados das suas experiências. (PE)

Há ainda casos como o verbo *ter*, no qual o clítico ocorre, em PE, em adjacência ao quer seria o verbo auxiliar:

(25) a. *O João tinha *visto-me* no cinema. (PE)

b. O João *tinha-me* visto no cinema. (PE)

A colocação pronominal no PB difere da colocação pronominal no PE, e é assunto amplamente estudado. Segundo Pagotto (1996), “com verbos simples, o PB tem sempre o clítico anteposto ao verbo, enquanto em PE temos a próclise ou a ênclise segundo regras bem definidas. (...) Em construções envolvendo dois verbos, também a diferença entre PB e PE se mantém: Maria pode *me* encontrar hoje. (PB) (*PE); Maria *pode-me* encontrar hoje (PE); Maria pode encontrar-*me* hoje. (PE).” (p. 186). Além disso, Cyrino (1996), em estudo diacrônico, constata que “quanto à posição do pronome clítico com locução verbal, os resultados mostram em decréscimo tanto no uso da ênclise ao verbo principal ou ao verbo ‘auxiliar’, como no uso da próclise ao verbo ‘auxiliar’, e salientam um aumento no uso da próclise ao verbo principal. Ou seja, o

pronome clítico não é mais móvel no século XX – ele fixa-se ao verbo mais baixo.” (p. 168).

Assim, em PB os clíticos estão sempre ligados à forma infinitiva, ou seja, em nenhum dos casos de teste dos verbos no PB há a ocorrência dos complementos pronominalizados (cliticizados) em adjacência ao (que seria o) verbo auxiliar. Dessa forma, essa é outra propriedade que não é válida para o PB.

3. Discussão dos resultados

O resultado da aplicação dos testes indica que, a princípio, pode-se dizer que nenhum dos verbos testados para o PB apresenta alguma das quatro propriedades que apresentaram problemas, ou seja, se considerarmos auxiliar no PB somente aqueles verbos que apresentam todas as propriedades propostas por Gonçalves e Costa (2002) para um verbo auxiliar, então o PB não teria nenhum verbo auxiliar.

Além disso, constata-se que a distribuição de verbos semi-auxiliares proposta pelas autoras seria modificada para o PB. O verbo *ser* (da passiva) do PE, considerado em primeiro lugar na escala de semi-auxiliaridade, difere dos auxiliares por permitir a substituição de um complemento por um clítico demonstrativo. Essa é uma das propriedades que apresenta diferenças no PB e que deve ser mais estudada, uma vez que o PB perdeu o clítico *o*. Uma das alternativas para a propriedade seria o uso do pronome *isso*. Mas o resultado de tal substituição tem como resultado que o complemento do *ser* da passiva não poderia, em PB, ser retomado por tal forma pronominal.

Seguindo a escala de auxiliaridade, temos em PE os verbos temporais *ir*, *vir*, *haver (de)*, que diferem dos auxiliares por permitirem a manutenção dos complementos cliticizados do verbo no Infinitivo em adjacência a este verbo. Em PB, o clítico aparece sempre ligado ao verbo não flexionado, ou seja, nunca está adjacente ao que seria o verbo auxiliar (ao verbo flexionado). Dessa forma, esses verbos no PB não diferem em nada do verbo *ter* seguido de particípio, verbo que é, em PE, considerado um auxiliar.

O terceiro lugar da escala é ocupado por verbos modais *poder* e *dever* e aspectuais seguidos de *a*, que diferem dos auxiliares por permitirem a ocorrência do operador de negação no complemento infinitivo e dos complementos cliticizados do verbo no Infinitivo em adjacência a este verbo; alguns destes verbos impõem restrições quanto à classe aspectual a que pertence o predicado verbal do complemento. Mais uma vez, as propriedades que distinguem esses verbos do auxiliar (*ter* seguido de particípio) do PE são aquelas que apresentam diferenças para o PB.

Finalmente, em último lugar na escala de semi-auxiliaridade proposta estão o verbo modal *ter* (*de*) e verbos aspectuais seguidos de *de* (e também *para* e *por*), que diferem dos auxiliares por não permitirem a extração de complementos cliticizados do domínio infinitivo para o domínio matriz e limitarem a classe aspectual dos predicados verbais. Novamente, são propriedades que apresentam diferenças para o PB.

Dessa forma, a escala de semi-auxiliaridade proposta pelas autoras não seria a mesma para o PB. Devido ao fato da dificuldade de se determinar um auxiliar segundo as propriedades por elas propostas (já que não são todas válidas para o PB), não será definido aqui quais são os verbos auxiliares do PB. Por outro lado, a partir dos resultados dos cinco testes válidos para o PB, é possível fazer algumas considerações sobre os verbos testados. Pode-se destacar, por exemplo, aqueles que apresentam as cinco propriedades válidas: *andar*, *continuar*, *estar* e *vir* seguidos de verbo no gerúndio; e *costumar*, *dever*, *poder*, *ter de*, *haver de*, *acabar de*, *ir* e *tornar a* seguidos de verbo no infinitivo. Pode-se notar que eles são os verbos temporais, modais e aspectuais. Outros verbos aspectuais, como *começar a*, *continuar a*, *deixar de*, *estar para*, *parar de* também apresentam todas as propriedades, a não ser pela propriedade de co-ocorrência com qualquer classe de predicado aspectual.

Assim, os verbos temporais, aspectuais e modais parecem ser muito mais semelhantes ao que seria um auxiliar em PB que em PE, de acordo com as propriedades de um verbo auxiliar propostas pelas autoras e que puderam ser aplicadas aos verbos do PB. É preciso verificar se essa similaridade de fato confere, para além dos testes feitos, e para isso seria necessário rever a classificação de um verbo auxiliar no PB, averiguando como as propriedades que não puderam ser aplicadas de forma adequada ao PB podem ser reformuladas e influir nisso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Castilho, A. T. (1992) O Português do Brasil. In Ilari, R. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, p. 237-269
- Costa, T. & Gonçalves, A. (2002) *(Auxiliar a) Compreender os Verbos Auxiliares*. Lisboa: Edições Colibri
- Cyrino, S. (1994/1997). *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: Editora da UEL
- Cyrino, S. (1996) Observações Sobre a Mudança Diacrônica no Português do Brasil: Objeto Nulo e Clíticos. In Kato, M. & I. Roberts (orgs.) *Português Brasileiro: Uma viagem Diacrônica*. Campinas: Editora Unicamp
- Cyrino, S. (2004a) Anáfora do complemento nulo na história do português brasileiro, Paper presented at VI Seminário do Projeto Para a História do Português Brasileiro, Salvador, Bahia.

- Cyrino, S. (2004b) Null Complement Anaphora and Null Objects in Brazilian Portuguese, trabalho apresentado no Workshop on Morphosyntax, Universidad de Buenos Aires, submetido a MIT Working Papers.
- Cyrino, S. (2004c). On the existence of null complement anaphora in Brazilian Portuguese. *Letras*.
- Duarte, I. & A. Gonçalves (2002) Construções de Subordinação Funcionalmente Defectivas: o Caso das Construções Perceptivas em Português Europeu e em Português Brasileiro. In Gonçalves, A. & C. N. Correia (orgs.) *Actas do XVII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL
- Galves, C. (2001) *Ensaio Sobre as Gramáticas do Português*. Campinas: Editora Unicamp.
- Gómez Torrego, L. (1999) Los Verbos Auxiliares. Lãs Perífrases Verbales de Infinitivo. In Bosque, I. & V. Demonte (orgs.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa, vol. 2.
- Gonçalves, A. (1996) Aspectos da Sintaxe dos Verbos Auxiliares do Português Europeu. In Gonçalves, A., M. Colaço, M. Miguel & T. Moia (orgs.) *Quatro Estudos em Sintaxe do Português*
- Gonçalves, A. (1999) *Predicados Complexos Verbais em Contextos de Infinitivo não Preposicionado do Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa, não pub..
- Kato, W. A. & J. A. Peres (2005) *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, v. 4, n. 1.
- Lobato, L. (1975) Os Verbos Auxiliares em Português Contemporâneo. In Lobato, L. *et al.* (orgs.) *Análises Linguísticas*. Petrópolis: Vozes
- Mateus, M. H., A. Brito, I. Duarte & I. Faria (1003) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Pagotto, E. G. (1996) Clíticos, Mudança e Seleção Natural. In Kato, M. & I. Roberts (orgs.) *Português Brasileiro: Uma viagem Diacrônica*. Campinas: Editora Unicamp
- Raposo, E. (1981) *A Construção “União de Orações” na Gramática do Português*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa, não pub..
- Said Ali (1931) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. 1971.